

Os fundamentos do Serviço Social e o enfrentamento ao conservadorismo

Maria Carmelita Yazbek*

RESUMO

O artigo apresentado analisa os fundamentos do conservadorismo clássico, a relação com o Serviço Social na sua gênese e a posterior ruptura. Destaco a centralidade dos fundamentos na abordagem sobre a profissão, entendendo aqui por fundamentos a matriz histórico-ontológica, explicativa da realidade e da profissão, sob múltiplos aspectos, e que permeia a interlocução entre o Serviço Social e realidade. Concluímos sobre a necessidade de enfrentamento à ofensiva conservadora que caracteriza o tempo presente.


PALAVRAS-CHAVE: Conservadorismo, Serviço Social, Fundamentos

The fundamentals of Social Work and the fight against conservatism

ABSTRACT

This article analyzes the fundamentals of classical conservatism, the relationship with Social Work in its genesis and the subsequent rupture. It highlights the centrality of the fundamentals in the approach to the profession, here understanding the historical-ontological matrix, which explains reality and the profession, under multiple aspects, and which permeates the dialogue between Social Work and reality. It concludes about the need to confront the conservative offensive that characterizes the present time.

KEYWORDS: Conservatism, Social Work, Fundamentals



© O(s) Autor(es). 2018 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição-~~Non~~Comercial 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar, distribuir e reproduzir em qualquer meio, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material, desde que para fins não comerciais e que você forneça o devido crédito aos autores e a fonte, insira um link para a Licença Creative Commons e indique se mudanças foram feitas.

* Maria Carmelita Yazbek é professora da PUC/SP, pesquisadora 1 A do CNPq, mestrado (1977) e doutorado (1992) em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós doutoramento no âmbito de ciências políticas pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo – USP.

Inicialmente cabe apresentar os referentes que orientam a minha reflexão sobre o Serviço Social e o necessário enfrentamento à ofensiva conservadora que caracteriza o tempo presente. Assim, em primeiro lugar reafirmo, a centralidade dos fundamentos em minha abordagem sobre a profissão, entendendo aqui por fundamentos a matriz histórico-ontológica, explicativa da realidade, e da profissão, sob múltiplos aspectos, e que permeia a interlocução entre o Serviço Social e realidade. Fundamentos que na atualidade se expressam na abordagem histórico-crítica, fundada na Teoria Social de Marx e na Tradição Marxista e que se colocam como base para o projeto profissional hegemônico, expressando uma direção social que se estrutura nas dimensões histórico-ontológicas, teórico-metodológicas, ético-políticas e técnico-operativas.

Cabe assinalar que o núcleo central do debate brasileiro contemporâneo sobre Fundamentos se estrutura a partir de um determinado modo de entender a profissão, à luz da Teoria Social Marxiana, no âmbito das relações sociais constitutivas da ordem capitalista, consideradas as particularidades de sua condição periférica e que supõe:

- uma abordagem da história a partir das classes sociais e de suas lutas, entendendo as diversas manifestações da “questão social” e as suas estratégias de enfrentamento, como âmbito privilegiado da intervenção profissional.

- uma apreensão da realidade totalizante, ontológica e em movimento contraditório que apreende o ser social a partir de determinações e mediações. Ou seja, as relações sociais são sempre mediatizadas por situações, instituições, contextos nos quais se engendram como totalidade as relações sociais que configuram a sociedade capitalista e que revelam/ocultam as relações sociais imediatas. Nesta perspectiva, a reprodução das relações sociais é entendida (cf. IAMAMOTO, 2011) como a reprodução da totalidade da vida social, o que engloba não apenas a reprodução da vida material, mas também a reprodução espiritual da sociedade e das formas de consciência social através das quais o homem se posiciona na vida social. Desta forma, a reprodução das relações sociais é a reprodução de toda a trama de relações da sociedade.

- uma concepção da profissão no contexto da divisão social do trabalho, que é sócio-técnica, mas é também sexual e étnico-racial. E, assim sendo, uma concepção de profissão que tem na centralidade do trabalho e dos trabalhadores e de suas lutas um eixo definidor de sua natureza.

- finalmente, uma concepção de profissão que a situa como área de produção de conhecimentos, sobre o processamento dessa especialização do trabalho coletivo, sobre as condições de vida da população com a qual trabalha, e especialmente sobre a realidade social, econômica, política e cultural onde se insere. (cf. MOTA, 2016) Marx dizia que explicar a

realidade não é apenas descobrir os nexos que a constituem, mas ajudar essa realidade a se constituir.

Trago, portanto aqui, uma apreensão do Serviço Social que não é indiferente do ponto de vista teórico, social e político e parte da posição inaugurada por Yamamoto em 1982, de que o significado social da profissão só pode ser desvendado em sua inserção na sociedade, ou seja, “a análise da profissão, de suas demandas e atribuições, em si mesmas não permite desvendar a lógica no interior da qual ela ganha sentido. Assim sendo, é preciso ultrapassar a análise do Serviço Social em si mesmo para situá-lo no contexto de relações mais amplas que constituem a sociedade capitalista, particularmente, no âmbito das respostas que esta sociedade e o Estado, pela mediação das Políticas Sociais, constroem, frente à questão social¹ e às suas manifestações, em múltiplas dimensões.” (YAZBEK, 2009, p. 3) Essas dimensões constituem a sociabilidade humana e estão presentes no cotidiano da prática profissional, condicionando-a e atribuindo-lhe características particulares. Ao afirmarmos o caráter histórico e político do Serviço Social que resulta de relações sociais, econômicas, políticas, culturais que moldam sua necessidade social, suas características e definem seus usuários, partimos da posição de que a profissão é uma construção histórica e contextualizada, situando-se nos processos de reprodução social da sociedade capitalista, sendo objeto de múltiplas determinações historicamente processadas.

Gostaria ainda de lembrar que esse processo de reprodução da totalidade das relações sociais na sociedade é um “processo complexo, que contém a possibilidade do novo, do diverso, do contraditório, da mudança. Trata-se, pois, de uma totalidade em permanente reelaboração, na qual o mesmo movimento que cria as condições para a reprodução da sociedade de classes cria e recria os conflitos resultantes dessa relação e as possibilidades de sua superação (cf. YAZBEK, 2009).

Cabe lembrar aqui que, conforme José de Souza Martins (1975, p. 74), os processos sociais, constitutivos da vida em sociedade (e em nossa análise a dimensão da profissionalidade expressa no trabalho profissional), comportam uma dupla dimensão: de um lado expressam determinações sociais econômicas e políticas, historicamente constituídas (sobre as quais a profissão não tem ingerência) e de outro, o projeto dos sujeitos aí envolvidos. Condição que possibilita aos profissionais uma relativa autonomia no desempenho de suas atribuições e competências (cf. IAMAMOTO, 2007).

Enfrentar e explicitar essa contradição constitutiva do trabalho do assistente social a

¹ A Questão Social é expressão das desigualdades sociais constitutivas do capitalismo. Suas diversas manifestações são indissociáveis das relações entre as classes sociais que estruturam esse sistema e nesse sentido a Questão Social se expressa também na resistência e na disputa política.

partir da relativa autonomia de que dispõe, no confronto cotidiano, entre sua condição de assalariamento e a realização de seu projeto, é condição para seu desvelamento. Assim sendo, é preciso ter presente que: *“Não há espaços sem contradição, não há como o Serviço Social deixar de participar desse processo, cuja direção está sempre em disputa, pois fazemos parte dela em qualquer contexto”* (YAZBEK, 2018, p. 101). *Não é uma escolha, participar ou não desse processo e das disputas que contem.*

Sabemos, pela nossa história, que tivemos fortes marcas de fundamentos doutrinários, positivistas e sabemos também que o pensamento conservador nos persegue, nos engendra, de múltiplas formas. Isso porque suas marcas penetram o modo capitalista de pensar, de modo global e especialmente a Cultura Política Brasileira, as Políticas Sociais, nossos âmbitos de trabalho, e a própria vida das classes subalternas, com as quais trabalhamos cotidianamente. Processo que não se dá sem resistências, pois sabemos também que, nas últimas três décadas, o Serviço Social brasileiro construiu um projeto, para a profissão, sob a direção do pensamento marxiano e da tradição marxista, com múltiplas faces. E, tendo esses referentes como balizamento é que devemos enfrentar a ofensiva conservadora colocada, nessa difícil conjuntura.

Contexto de crise estrutural do capital que avança em seu caráter ultraliberal, predatório e na banalização da vida. Contexto que, do ponto de vista da Economia Política, configura um tempo de devastação como nos lembra Antunes, *“uma fase ainda mais destrutiva da barbárie neoliberal e financista”* (ANTUNES, 2018, p. 10).

Os indicadores que revelam esse quadro crescem a cada dia, agravados há alguns meses, pelo contexto da pandemia da Covid-19, que vem evidenciando a desigualdade estrutural do país. Desigualdade que cresce no mundo global e especialmente na América Latina. No relatório de desenvolvimento humano de dezembro 2019, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a América Latina foi apontada como a região do mundo com a maior desigualdade de renda e o Brasil como o 7º país mais desigual do mundo. Neste continente, os 10% mais ricos concentram uma parcela maior da renda (37%) do que em qualquer outra região do planeta ou cidade, segundo o estudo.

Segundo o estudo: *“Em 2020, a regressão econômica e social que decorre da crise sanitária imposta por onda viral de dimensão mundial encontra os países latino-americanos já debilitados pela estagnação econômica (0,2% de variação média anual do PIB entre 2010-2019) [...] Sabe-se que a onda viral atual resulta da forma degradante com que o desenvolvimento capitalista tem explorado a natureza. As emissões dos gases de efeito estufa, o desmatamento e a mudança climática agridem o conjunto dos biomas, forçando a liberação*

crecente de vetores propagadores das doenças virais². [...] Nesse contexto, o Estado que até pouco tempo era visto predominantemente como o centro dos problemas nacionais pelo receituário neoliberal transformou-se rapidamente na condição necessária para sair do quadro regressivo atual. [...]

No relatório conjunto da Cepal e OIT³, de maio de 2020, o decréscimo do PIB estimado em 5,3% provocará a elevação da taxa de desemprego de 8,1%, em 2019, para 11,5%, em 2020. Com o crescimento de 3,4 pontos percentuais na taxa de desemprego, a região deverá comportar mais 11,5 milhões de novos desempregados” (CEPAL/OIT, 2020).

No Brasil, chegamos ao final do ano, conforme dados do IBGE, com um crescimento de 35,9% do desemprego em relação ao mês de maio, com impactos de 5 % a mais para as mulheres, especialmente as negras. Ademais, o desassalariamento amplia-se, com maior presença, evidenciando o crescimento da informalidade e de ocupações por conta própria.

São tempos difíceis onde se entrecruzam com a crise estrutural do capital, compondo uma totalidade, outras crises que venho destacando em minhas análises recentes. Relembrando rapidamente:

Em primeiro lugar destaco – “as profundas transformações observadas nas últimas décadas, na esfera da acumulação capitalista expressas na reestruturação produtiva e na financeirização da Economia com seus impactos no mundo do trabalho, na “questão social” e na Política Social, âmbito privilegiado de nossa intervenção” (YAZBEK, 2019, p. 87).

Esse é o primeiro ponto e, como sabemos, a desigualdade e a concentração de renda que se intensificam nas atuais formas de acumulação capitalista, trazem como consequência a radicalização da questão social, outro conceito que expressa relações capitalistas.

Aprofunda-se a exploração do trabalho. Como lembra Raichelis (2018, p. 51):

Aprofunda-se a tendência do capital de redução do número de trabalhadores contratados, gerando economia de trabalho vivo [...] amplia-se o desemprego estrutural além da precarização e deterioração da qualidade do trabalho, dos salários e das condições em que ele é exercido, que se agravam ainda mais se considerando os recortes de gênero, geração, raça e etnia.

Sabemos, pelo debate acumulado no âmbito do Serviço Social, que a Questão Social e a desigualdade são elementos estruturantes da sociabilidade capitalista. Questão que se reformula e se redefine, mas permanece substantivamente a mesma por se tratar de uma questão

² Somente na Amazônia encontra-se mapeado a existência de 3,2 mil tipos de coronavírus, nem todos letais ao ser humano. Em cada 1% de avanço no desmatamento da Amazônia, nota-se, por exemplo, a expansão de 23% na incidência de casos de malária e 9% de leishmaniose. Para mais detalhes, ver: ANTHONY *et al.* (2017) e MAXMEN (2017).

³ Cf. CEPAL/OIT (2020), *El trabajo en tiempos de pandemia: desafíos frente a la enfermedad por coronavirus (COVID-19)*. Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe.

estrutural, constitutiva das relações capitalistas, de sua divisão da sociedade em classes e da disputa pela riqueza socialmente construída, cuja apropriação é profundamente desigual no capitalismo. Supõe a consciência dessa desigualdade e a resistência à opressão por parte da “classe que vive do trabalho” (cf. YAZBEK, 2004, p. 33).

É fundamental ainda assinalar algumas novas configurações e expressões que a “questão social” assume nos contraditórios tempos presentes, condensando “múltiplas desigualdades mediadas por disparidades nas relações de gênero, características étnico-raciais, mobilidades espaciais, formações regionais e disputas ambientais, colocando em causa amplos segmentos da sociedade civil no acesso aos bens da civilização. Dispondo de uma dimensão estrutural – enraizada na produção social contraposta a apropriação privada do trabalho –, a ‘questão social’ atinge visceralmente a vida dos sujeitos numa luta aberta e surda pela cidadania, no embate pelo respeito aos direitos civis, sociais e políticos e aos direitos humanos” (IAMAMOTO, 2018, p.72).

Cabe lembrar ainda, que uma análise crítica da ‘questão social’ no tempo presente exige que sejam lembrados os processos de formação do país, desde a colonização, um empreendimento mercantil, que caminhou na direção de uma economia composta de senhores e escravos, na qual as marcas do patrimonialismo-paternalista vão plasmar a sociedade brasileira. “O par senhor-escravo assentou as bases de uma estrutura social bipolar, que formou a maior parte da nação. A casa grande e a senzala são o brasão dessa sociedade” (Oliveira, 2018: 29). Desse modo é fundamental não esquecer que o caráter predatório das relações coloniais e do escravismo deixou, sem dúvida suas marcas na história do país e implantou bases importantes na construção da lógica que vem presidindo a expansão do capitalismo dependente na periferia em tempos mais recentes, bem como as características próprias da questão social brasileira (YAZBEK, p. 90).

Traço da formação social do país, a conjugação do “avanço” com o “atraso” assegurou desde sempre sucesso para a dominação burguesa.

Nesse sentido, a natureza desse capital precisa ser desvelada, decifrada, para entender o seu ataque contra a Política. Configura-se assim, uma segunda dimensão dessa profunda crise: é a desqualificação e despolitização da Política, em um contexto onde se colocam em questão os sentidos da Política, dimensão que não abordaremos aqui.

Âmbito onde é possível entender o ataque do Capital contra as políticas sociais em relação às quais a conclusão que se chega é que não interessa a esse “capital manter políticas sociais organizadas e financiadas pelo Estado” (MARQUES, 2018, p. 110) Desse modo, podemos entender que esse avanço e especialmente do capital financeiro, que assumiu o controle da acumulação, sobre as políticas sociais é uma característica do capitalismo contemporâneo globalmente, Característica que, aliada ao novo padrão de acumulação

caracterizado pela flexibilização produtiva, com sua nova morfologia do mundo do trabalho com desemprego, redução de salários e precarização do trabalho e ausência de direitos, tem como resultado a ampliação de situações de trabalho desprotegido, o aumento da pobreza e o desmonte da proteção social.

E chegamos aqui à uma terceira dimensão dessa grande crise a ser considerada: as mudanças que podemos observar no âmbito da Sociabilidade e da Cultura Política que justificam e sustentam a ordem capitalista e especialmente esse processo mais amplo de acumulação. Nesse âmbito, vivemos tempos de ofensiva conservadora, de avanço do irracionalismo, do obscurantismo de ameaças à democracia e de redução dos direitos, tempos de regressão conservadora que se expressa no avanço da defesa das instituições tradicionais, na naturalização da desigualdade, no acirramento dos preconceitos, no racismo, no feminicídio, na homofobia e na criminalização dos movimentos sociais, entre outros aspectos. Trata-se de um contexto de ascensão global, ao poder de forças conservadoras por toda parte, com altíssimo teor de violência e barbárie, que nos lembram, para ficarmos apenas no século XX, os anos 1930 que antecederam a segunda guerra mundial e os anos mais recentes de regimes ditatoriais militares da América do Sul. [...] “É como se tais forças jamais tivessem desaparecido de fato, mas apenas feito um recuo estratégico temporário à espreita de condições favoráveis para sua volta triunfal” (ROLNIK, 2018) Contexto de paradoxos, onde articulam forças reativas distintas e no qual vai se tornando

evidente que o capitalismo financeirizado precisa destas subjetividades rudes temporariamente no poder. São como seus capangas que se incumbirão do trabalho sujo imprescindível para a instalação de um Estado neoliberal: destruir todas as conquistas democráticas e republicanas, dissolver seu imaginário e erradicar da cena seus protagonistas – entre os quais, prioritariamente, as esquerdas em todos os seus matizes. [...] A torpe subjetividade destes (neo)conservadores é arraigadamente classista e racista, para não dizer colonial e escravocrata, o que os leva a querer cumprir este papel, sem qualquer barreira ética e numa velocidade vertiginosa. Quando nem bem nos damos conta de uma de suas tacadas, uma outra já está em vias de acontecer (ROLNIK, 2018).

Estou colocando aqui em evidência, um movimento que expressa um processo de refuncionalização do conservadorismo na sociedade burguesa no histórico processo de sua constituição como uma das bases de manutenção da ordem capitalista após 1848 até os dias atuais. Entendo que a partir daí o pensamento conservador assume progressiva importância nas bases que sustentam a ordem capitalista até chegar a expressões ultrarreacionárias desse conservadorismo que flerta com ideias sinistras (cf. Rodrigues⁴)

⁴ Reflexões desenvolvidas pela profa. Mavi Rodrigues no I Encontro da Rede Mineira de Grupos de Estudos sobre

Muito sumariamente gostaria de apresentar algumas considerações sobre marcas que caracterizaram o processo histórico de desenvolvimento do pensamento conservador de suas gêneses ao neoconservadorismo contemporâneo/refuncionalizado e ultrarreacionário.⁵

Inicialmente é fundamental lembrar que o conservadorismo como forma de pensamento e experiência prática é resultado de um contra movimento aos avanços da modernidade, e nesse sentido, suas reações são restauradoras e preservadoras. Edmund Burke (1729-1797), com a publicação de sua obra *Reflexões sobre a Revolução em França, em 1790* marca o início do debate sobre o Pensamento Conservador. É considerado um dos fundadores do conservadorismo. O conservadorismo moderno é, pelo menos em sua forma filosófica, produto da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Produto não intencional, involuntário, (e recusado pelos protagonistas de ambas, não obstante, seu produto). O que as duas revoluções questionavam e traziam como expressões da modernidade iluminista, era defendido por conservadores como Burke. Só em 1830 o conservadorismo começa a fazer parte do discurso político europeu, mas seu conteúdo já pode ser encontrado no trabalho de Burke. Aí trabalha os temas essenciais do conservadorismo, defende a importância do feudalismo e de outras estruturas históricas como a família patriarcal, a comunidade local, a Igreja, as associações e a região. É importante assinalar que Burke era irlandês, anglicano e ligado à aristocracia da terra, defendia valores religiosos para a vida social, a recristianização da sociedade, a pureza da fé, a defesa da propriedade privada e a autoridade. Seu pensamento combate o iluminismo e vai influenciar o pensamento sociológico, presente em autores como Auguste Comte (1798-1857), Pierre Frédéric Le Play (1806-1882) e especialmente em Émile Durkheim (1858-1917) onde está presente o mais importante elo entre o conservadorismo e o estudo do comportamento humano.

Burke, foi filósofo e político, mas não escreveu nenhuma obra sobre Teoria Política. Seus pensamentos são expostos em cartas, discursos e panfletos. Há em sua obra uma fascinação pela Idade Média e pelo Código Feudal da cavalaria. Na perfeição dos grandes senhores e na religião é que Burke buscava inspiração. De sua ênfase na defesa do passado é que surgem valores como comunidade, autoridade, hierarquia, parentesco. O passado é para os conservadores a terra firme. Para ele o poder democrático é instável e o pensamento conservador é restaurador, preservador e reforça a autoridade moral.

de Fundamentos do Serviço Social (REMGEFSS) realizado nos dias 1 a 3 de dezembro de 2020.

⁵ Cabe destacar que parte dos referentes históricos e teóricos aqui apresentados, constam de estudo por mim apresentado no texto *Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos e as Tendências Contemporâneas no Serviço Social* (YAZBEK, 2018).

Para Nisbet (1987, p. 17)

à medida em que o cosmopolitismo do Iluminismo se espalhava, cada vez mais os conservadores se voltavam para suas próprias histórias, tradições, santos, heróis, seus governos, seus nobres, os trabalhos de artesãos, pesquisas de dialetos nativos, de questões regionais, de literatura folclórica, de criadores de arte e de heróis militares dum passado distante. Poetas, atores, compositores, artistas, artesãos, historiadores, trabalhavam com o material de suas comunidades, em vez de irem para as capitais da Europa, assumindo e buscando preservar valores e culturas locais.

Esse primeiro momento, de gênese é abordado por alguns autores como Conservadorismo Clássico (por ex. por Leila Escorsim Netto, 2011). Neste primeiro momento, no século XIX as tendências conservadoras orientadas principalmente por princípios religiosos apelavam às tradições que tinham sustentado a Europa por mais de mil anos, e o Conservadorismo joga contra ao avanço do projeto modernizador de sociedade como uma forma de pensamento anti-iluminista, portanto, contrário à razão, embora consciente e reflexivo desde o princípio, na medida em que surge como um contra movimento em oposição consciente ao movimento progressista, altamente organizado, coerente e sistemático. Mas, a trajetória desse pensamento, apresenta múltiplas faces e formas de expressão até chegar a nosso tempo como ultrarreacionário, de acordo com Pacheco (2020)⁶. Como se compatibilizaram crescentemente Conservadorismo e Capitalismo? Apesar da diversidade de hipóteses e abordagens sobre esse processo, podemos destacar algumas explicações.

Karl Mannheim (MANHEIN, K., 1981) dá o seguinte tratamento à questão: partindo do conservadorismo alemão da primeira metade do século XIX, vai abordar o pensamento conservador a partir do romantismo, que vai situar como oponente histórico do iluminismo. Afirma o autor que o romantismo se apossou de antigas formas de vida e pensamento e colocou-as contra o racionalismo. Nesse sentido o conservadorismo moderno provém do modo de vida do passado; se contrapõe ao Racionalismo e se coloca como alternativa à sociedade capitalista. [...] Porém, para ele o pensamento é produto de um modo de vida e nesse sentido contrapõe na sociedade capitalista a convivência de dois estilos de pensamento: 1- conservador (periférico em relação ao capitalismo; irracional) 2 – capitalista (racionalista e moderno). Assim, o Conservadorismo, embora periférico ao capitalismo ampararia suas intenções que se expressam no racionalismo. Isso porque, o conservadorismo, enquanto consciência do passado, embora periférico ao capitalismo, se exprime mediado por categorias da sociedade capitalista (racional) (YAZBEK, 2018, p. 55).

O que se constata é o que Lefebvre (1974), autor no âmbito da Tradição Marxista, denomina de Rupto Ideológico de categorias que são reinterpretadas. Assim, o pensamento

⁶ Novamente, retomo aqui reflexões desenvolvidas pela profa. Mavi Pacheco Rodrigues no I Encontro da REMGEFSS, realizado nos dias 1 a 3 de dezembro de 2020.

conservador deixa de se antagonizar com o capitalismo criando o que Martins (1982) denomina de um único estilo de pensamento, exprimindo um modo de vida. Nesse sentido, o conservadorismo não significa apenas a pertinência de ideias presentes na herança intelectual do século XIX, mas de ideias que atualizadas se transformaram em bases de manutenção da ordem capitalista. Esse raptó, que expressa a disputa de projetos que emergem com a sociedade capitalista, obscurece suas contradições e busca encobrir suas desigualdades.

Após a Revolução de 1848, os conservadores vão se posicionar especificamente contra um dos dois projetos presentes na Revolução Francesa, aquele que defende a emancipação humana. E vão se aliar aos que defendem a manutenção da ordem capitalista, uma vez que defender a propriedade privada está de acordo com os seu principal interesse. Nesse sentido o Conservadorismo é um “fenomeno Multiforme que cumpre funções distintas na pauta da luta de classes” (RODRIGUES, 2020).

Assim, p.ex., com o advento do neoliberalismo no enfrentamento da crise estrutural do capital a partir dos anos de 1970, convivemos com faces reformistas desse pensamento, expresso por autores como Anthony Guiddens (2007) com suas teses sobre a Terceira via e a reestruturação social democracia; Ulrich Beck (2011) com suas teses sobre a sociedade de Risco, Pedro Hespanha (2002) com as noções de globalização, risco e Incerteza globais e Boaventura Souza Santos (2002) com suas abordagens acerca da crise pragmática que caracterizaria os denominados tempos pós-modernos e outros.

Atualmente, com o avanço da “nova direita” no plano internacional e também no Brasil com a sua moral familista e religiosa, chegamos a um tempo de crescimento do conservadorismo de traços fascistas, expresso no individualismo competitivo exacerbado, preconceituoso, pressionado pelo consumo e que vive com um grau de incerteza e ansiedade sem precedentes. O resultado é o avanço do conservadorismo e da ofensiva reacionária. O conservadorismo é imprescindível para o capitalismo financeiro global.

Para Evangelista (2020)

Observa-se na política brasileira hoje o uso da religião para fazer avançar suas pautas: Não é apenas sobre determinados grupos religiosos buscando impor sua moral para a totalidade da sociedade via políticas de Estado, mas é, também, sobre as novas facetas do conservadorismo brasileiro usando a religião para se comunicar com o povo, [...] alcançando um segmento religioso que cresce em todos os estratos sociais, mas está predominantemente na base da pirâmide social, em áreas urbanas e periféricas onde a população vive cotidianamente a ausência do Estado. Estamos falando também de uma população em sua maioria de baixa renda, negra e feminina.

Contexto que se completa, pela exposição da face hiperautoritária do ultraneoliberalismo, nos termos de Dardot e Laval, (2016, p. 21) que afirmam

o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida [...]. É um sistema que emprega ‘técnicas de poder inéditas sobre as condutas e as subjetividades. Ele não pode ser reduzido à expansão espontânea da esfera mercantil e do campo de acumulação do capital.

Para Harvey, nessa mesma direção, o neoliberalismo mercantiliza de forma ilimitada as relações sociais. Situação que se agrava com “o ingresso da chamada ‘nova direita’ na conjuntura internacional” num processo de “exportação, do centro para a periferia”. É também Harvey que vai colocar a proximidade do pensamento pós moderno em sua ruptura com a dimensão da totalidade e a fragmentação do real com as estratégias de acumulação financeirizada e a reestruturação produtiva. Nesse contexto, crescem as vertentes irracionaisistas, em sua relação com a ideologia fascista, especialmente a nazifascista no mundo europeu. O irracionalismo

dissemina o pessimismo, o anti-humanismo, o individualismo e desvaloriza a verdade objetiva, dissimulando as contradições sociais e naturalizando suas consequências. O irracionalismo e o conservadorismo encontram condições favoráveis para se desenvolver em momentos de crise social. (BARROCO, 2015, p. 624)

Cabe destacar que é nos Estados Unidos da América que a regressão conservadora, agora denominada neoconservadora, vai assumir formas semelhantes às que encontramos no processo que se evidenciou nas eleições brasileiras de 2018. Com destaque para projetos de regulação da moral e dos costumes, a partir da compreensão de que no ocidente aprofunda-se uma crise de valores que destrói as bases da moralidade social e a família. A crise moral que alcança a sociedade americana, sua cultura e suas universidades, passa a ser vista como capaz de dismantelar a estabilidade da sociedade norte americana.

Os neoliberais constituem a liderança da Nova Direita e representam o grupo que se preocupa com a orientação político-econômica atrelada à noção de mercado. Os neoconservadores são aqueles que definem os valores do passado como melhores que os atuais e lutam pelas *tradições culturais*. Os populistas autoritários são, em geral, grupos de classe média e de classe trabalhadora que desconfiam do Estado e se preocupam com a segurança, a família, o conhecimento e os valores tradicionais (LIMA e HYPOLITO, 2019).

Para Rodrigues (2020) trata-se de um conservadorismo de novo tipo, de caráter reacionário e a “ameaça que ele carrega não é a mesma dos anos de 1990”.

De outro lado, para o Serviço Social essa ofensiva conservadora que confronta a cultura profissional no âmbito de seu projeto ético-político, teórico-metodológico e técnico-operativo e a nova sociabilidade capitalista, coloca-se como questão de grande tensionamento, pois se trata, para nós profissionais do Serviço Social, de uma interlocução com o adverso. Como lutar

por outra ordem societária, por um mundo melhor, pela liberdade, pela equidade, pela justiça, pela construção de direitos, contra práticas racistas, homofóbicas, contra o feminicídio, contra o genocídio da população negra, entre outros aspectos, nesse contexto? Como levar adiante este embate desigual? Luta que só se luta no coletivo – um traço dessa nossa história..., mas que deve ser de cada um, todos os dias, em todas circunstâncias.

Os desafios frente ao quadro aqui brevemente apresentado são enormes, imensuráveis e permeiam múltiplas dimensões de nosso cotidiano,

O desafio frente ao quadro aqui brevemente apresentado no âmbito da luta pelo reconhecimento público e a construção dos direitos sociais da população com a qual trabalhamos é enorme, imensurável. E é nesse âmbito que devemos localizar o significado CONTRADITÓRIO de nosso trabalho profissional, especialmente na gestão e operacionalização de políticas sociais: na disputa pelos sentidos da sociedade, na luta contra o desmanche de direitos cuja regulação vai passando para espaços do mundo privado; na construção de parâmetros capazes de deter a privatização do público, e a destruição da política, na perspectiva de construir a hegemonia dos interesses das classes que vivem do trabalho em nossa sociedade. Isso a política social pode construir, deve construir. E é por isso que a Política Social pode ao menos minimizar os impactos das transformações aqui analisadas e construir direitos...

Em síntese, de modo geral a profissão é interpelada e desafiada pela necessidade de construir direitos e outras mediações políticas e ideológicas expressas sobretudo por ações de resistência e de alianças estratégicas no jogo da política em suas múltiplas dimensões, por dentro dos espaços institucionais e especialmente no contexto das lutas sociais. Seja no tempo miúdo do cotidiano, por dentro dos espaços institucionais onde atuamos, politizando nossas iniciativas, buscando novas práticas, buscando espaços a ocupar como conselhos e fóruns, considerando as variadas lutas e propostas de resistência. Seja no apoio às resistências cotidianas das classes subalternas em suas lutas em nossa sociedade, expressando que profissionalmente caminhamos junto aos nossos usuários.

dando origem a uma nova modalidade de resistência: surge a consciência de que a resistência tem que incidir igualmente nesta esfera. Isto aparece nos novos tipos de movimento social que vêm desestabilizando aqui e acolá o poder mundial do capitalismo financeirizado na determinação dos modos de existência que lhe são necessários. A propagação deste tipo de resistência, que se intensificou após o tsunami dos ditos golpes de Estado provocados pelo novo regime por toda parte, tem surgido principalmente entre as gerações mais jovens e, mais contundentemente, nas periferias dos grandes centros urbanos. Nestes contextos, destacam-se especialmente os citados movimentos das mulheres (numa nova dobra do feminismo), dos LGBTQI (numa nova dobra das lutas no campo da homossexualidade, transexualidade, etc, na qual estas

se juntam em torno de alguns objetivos e refinam suas estratégias) e, também, dos negros (numa nova dobra de suas lutas anti-raciais). (ROLNIK, 2018)

Em síntese, de modo geral a profissão é interpelada e desafiada pela necessidade de construir direitos e outras mediações políticas e ideológicas expressas sobretudo por ações de resistência e de alianças estratégicas no jogo da política em suas múltiplas dimensões, por dentro dos espaços institucionais e especialmente no contexto das lutas sociais. Seja no tempo miúdo do cotidiano, por dentro dos espaços institucionais onde atuamos, politizando nossas iniciativas, buscando novas práticas, buscando espaços a ocupar como conselhos e fóruns, considerando as variadas lutas e propostas de resistência. Seja no apoio às resistências cotidianas das classes subalternas em suas lutas em nossa sociedade, expressando que profissionalmente caminhamos junto aos nossos usuários.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY, Simon J. *et al.* Global Patterns in Coronavirus Diversity. **Virus Evolutions**, vol. 3. Issue 1, 2017. Disponível em <<https://academic.oup.com/ve/article/3/1/vex012/3866407>>.. Acesso em .05/05/2020
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: Rumo a uma Outra Modernidade**. Belo Horizonte: Editora 34, 2011.
- CEPAL/OIT. El trabajo en tiempos de pandemia: desafíos frente a la enfermedad por coronavirus (COVID-19). Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe. n. 22. Santiago, mai. 2020. Disponível em Informe CEPAL-OIT: El trabajo en tiempos de pandemia: Desafíos frente a la enfermedad por coronavirus (COVID-19) (ilo.org).
- CLOSS, Thaisa Teixeira. **Fundamentos do Serviço Social: um estudo a partir da produção da área**. Curitiba, Ed. CRV, 2017.
- DARDOT e LAVAL. **A nova razão do mundo**. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVANGELISTA, Ana Carolina. **Crentes ou não, políticos conservadores se apropriam da religião para avançar**. Entrevista especial com Ana Carolina Evangelista. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/605266>. Acesso em 04 dez. 2020.
- GUIDENS, Anthony. **O debate global sobre a Terceira Via**. (org.) São Paulo, UNESP, 2007.
- GOIN, Mariléia. **Fundamentos do Serviço Social na América Latina e no Caribe**. Campinas: Papel Social, 2019.
- HESPANHA, Pedro e CARAPINHEIRO, Graça. **Risco Social e Incerteza**. Pode o Estado Social recuar mais? LISBOA: Afrontamento, 2001.
- LIMA, Iana Gomes e HYPOLITO, Álvaro. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira **Educação e Pesquisa**. vol.45, São Paulo, Epub, 2019. Acesso em 15 ago. de 2019.
- IAMAMOTO, Marilda. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**. Uma interpretação histórico metodológica. 33ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- LEFEBVRE, Henry. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Península, 1974.
- LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, N. 124. São Paulo: Cortez, 2015.
- MARQUES, Rosa Maria. O capitalismo financeiro e as políticas sociais: a nova face da contemporaneidade. In. RAICHELIS, Raquel; VICENTE, Damares; ALBUQUERQUE, Valéria (Orgs.). **A nova morfologia do Trabalho no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

- MAXMEN, Amy. Bats are Global Reservoir for Deadly Coronavirus. **Nature**, vol. 546, 2017. Disponível em <<https://www.nature.com/news/bats-are-global-reservoir-for-deadly-coronaviruses-1.22137>>. Acesso em .04 de nov. de 2020.
- MOTA, Ana Elizabete. Serviço Social Brasileiro: insurgência intelectual e legado Político. In OLIVEIRA E SILVA, Maria Liduina (Org.). **Serviço Social no Brasil**. História de Resistências e de ruptura com o conservadorismo. São Paulo: Cortez, 2016.
- MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e Tradicionalismo**. Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.
- NETTO, Leila Escorsim. **O Conservadorismo Clássico**. Elementos de Caracterização e Crítica. São Paulo: Cortez, 2011.
- NISBET, Robert. **O Conservadorismo**. Lisboa: Estampa, 1987.
- OLIVEIRA, Francisco. **Uma biografia não autorizada**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- _____. Crítica à razão dualista/O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003.
- RAICHELIS, Raquel. Serviço Social: trabalho e profissão na trama do capitalismo contemporâneo. In: RAICHELLIS, Raquel; VICENTE, Damares; ALBUQUERQUE, Valéria (Orgs.). **A nova morfologia do trabalho no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.
- _____. Polêmicas Teóricas na análise marxiana do trabalho no Serviço Social. **Revista Em Pauta**, Vol. 16, N. 4, Rio de Janeiro, 1º sem. 2018, p.154-170.
- ROLNIK, Suely. A nova modalidade de golpe de Estado: um seriado em três temporadas In **Outras Palavras**. Disponível em <https://outraspalavras.net/sem-categoria/666381/>. 2018. Acesso em 09 de set. de 2019.
- RODRIGUES, Mavi, Pacheco. **I Encontro da REMGEFSS**, realizado nos dias 1 a 3 de dezembro de 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6jwRKqG1d0s&list=UUZkeJkJiLdCrhTBUjAQXTWw&index>>.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A Crítica da Razão Indolente**. São Paulo: Cortez, 2000.
- YAZBEK, Maria Carmelita. Serviço Social e seu projeto ético político em tempos de devastação: resistências, lutas e perspectivas. In YAZBEK, Maria Carmelita; IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social na história**. América Latina, África e Europa. São Paulo: Cortez, 2019.
- _____. Serviço Social, Questão Social e Políticas Sociais em tempos de degradação do trabalho humano, sob o domínio do capital financeiro. **Serviço Social em Revista**. Vol.21, N.1. UEL, 2018.
- _____. O significado sócio-histórico da profissão. In **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Curso de Especialização à Distância. Brasília: CFESS/ ABEPSS, 2009.
- YAZBEK, Maria Carmelita; IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social na história. América Latina, África e Europa**. São Paulo: Cortez, 2019.